

**A masculinidade em foco: uma reflexão sobre o tema nas narrativas
autobiográficas *Tropic of Cancer* e *Tropic of Capricorn***

**Masculinity in focus: a reflection on the theme in the autobiographical
narratives *Tropic of Cancer* and *Tropic of Capricorn***

Flávia Andréa Rodrigues Benfatti ¹

Resumo

Este artigo discute os conceitos de masculinidade e, em menor escala, femininidade e feminismo no contexto da hegemonia masculina heterossexual resgatando o legado do patriarcalismo que as sociedades ocidentais testemunharam e ainda contribuem para sua perpetuação. Dentro das discussões de gênero e sexualidade, teóricos apontam esse legado patriarcal de forma a nos permitir interpretá-lo como um peso que o homem carrega ao longo de sua trajetória de vida. Nesse sentido, o homem heterossexual sempre precisou e ainda precisa provar sua virilidade a fim de reforçá-la e impedir que outras formas de sexualidade ocupem um espaço que sempre fora seu. Essa hegemonia é, portanto, interpretada dentro das narrativas *Tropic of Cancer* e *Tropic of Capricorn*, do escritor norte-americano Henry Miller, ancoradas pelo período entreguerras.

Palavras-chave: masculinidade heterossexual; narrativas; Henry Miller.

Abstract

This article discusses the concepts of masculinity, and to a lesser extent, femininity and feminism in the context of the hegemonic heterosexual masculinity bringing out the legacy of patriarchalism that western societies witnessed and still contribute to perpetuate it. Within gender and sexuality discussions, theorists point to this patriarchal legacy in a way that it allows us to interpret it as a burden that men carry through their lives trajectory. In this sense, heterosexual men always needed and still do to prove their virility in order to reinforce it so that no other forms of sexuality can occupy a space which has always been theirs. This hegemony is therefore interpreted within the narratives *Tropic of Cancer* and *Tropic of Capricorn*, by the North-American writer Henry Miller, anchored by the interwar period.

Keywords: heterosexual masculinity; narratives; Henry Miller.

Artigo recebido em: 27/08/2014

Artigo aprovado para publicação em: 30/11/2014

O primado da masculinidade

¹ Professora Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), campus Rondonópolis. E-mail: flaviarbenfatti@gmail.com



A história da sexualidade humana tem nos mostrado que os conceitos de masculinidade, femininidade e feminismo variam de acordo com as diferentes épocas nas quais eles são tratados.

Críticos que discutem o tema da sexualidade, como Judith Butler, Susan Sontag, Pierre Bourdieu, Jeffrey Weeks, dentre outros, postulam que as diferenças entre os sexos têm bases culturais e não biológicas, como se acreditava no passado. As categorias de sexo, gênero e sexualidade são, dessa forma, construções sociais e, portanto, não fundamentadas em um determinismo biológico. Isso se dá quando pensamos nessas três categorias dentro do contexto das relações sexuais. Assim, as partes genitais (sexo), ao serem ativadas sexualmente, produzem as práticas de ser masculino ou feminino (o que independe da formação biológica genital), definindo, assim, o gênero como ação e, por sua vez, gerando um impulso a ser satisfeito (sexualidade). É, portanto, na prática sexual que sexo, gênero e sexualidade se complementam.

Stets e Burke (2000, p. 1) confirmam essa base social na qual o gênero é ancorado:

femininity and masculinity are rooted in the social (one's gender) rather than the biological (one's sex). Societal members decide what being a male and a female means (e.g. dominant or passive, brave or emotional), and males will generally respond by defining themselves as masculine while females will generally define themselves as feminine. Because these are social definitions, however, it is possible for one to be female and see herself as masculine or male and see himself as feminine.²

Quando tratamos dessas categorias de gênero³ dentro de determinados contextos sócio-histórico-culturais em diferentes momentos, percebemos que o controle social dos corpos em ação é também variável, dependente de formações discursivas geradas no seio social. Assim, em se tratando de um período repressor, como o vitoriano, no século XIX, por exemplo, as práticas sexuais evidenciam pudores e tabus impostos,

² Femininidade e masculinidade estão arraigadas no fator social (o gênero da pessoa) ao invés de no biológico (o sexo da pessoa). Membros da sociedade decidem o que significa ser um macho ou uma fêmea (ex. dominante ou passivo, corajoso ou emotivo) e os machos geralmente irão responder a isso se definindo como masculinos, enquanto as fêmeas irão geralmente se definir como femininas. Entretanto, devido ao fato de essas serem definições sociais, é possível para uma pessoa ser fêmea e se ver como masculino ou macho e ser ver como feminina (tradução minha).

³ Cf. NICHOLSON, 1995; BUTLER, 2003.

incorporados por determinados grupos, porém transgredidos por outros. Essa transgressão às normas impostas leva ao surgimento dos mais perversos desejos, de acordo com o julgamento contextual do período. Já em sociedades e/ou momentos históricos menos repressores, as práticas sexuais transcorrem de acordo com posturas políticas, sociais e culturais comuns à população, sendo as noções de perversão inexistentes, já que a conquista de maior liberdade sexual favorece as práticas sexuais livres do cerceamento moral.

Reich (s/d) aponta que, em uma sociedade indígena pesquisada por ele, a dos trobriandeses, o *voyeurismo* na sexualidade infantil não existe como perversão. Segundo o psicanalista, “[...] não é a liberdade do instinto sexual parcial na infância o que por si leva à perversão, mas que isso só acontece quando a sexualidade é reprimida” (p. 5).

Infere-se então que aos conceitos de sexo, sexualidade, gênero e perversão são atribuídos significados que variam de acordo com o tempo e local. Apenas para estabelecer um paralelo a essa ideia do significado ancorado pelo contexto, pensemos no romance *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley (1969), no qual o autor desconstrói os conceitos de certo, errado, nojento, abominável, perverso, pontuando as interpretações diferentes que eles recebem dentro de diferentes grupos de indivíduos e, portanto, diferentes contextos. Engravidar, por exemplo, para as “castas” do “admirável mundo novo” significa uma aberração da natureza, já que todos os indivíduos são produzidos em laboratório. Para essas “castas”, a ideia da gravidez é inconcebível e motivo de expulsão, ou seja, a gravidez não pode ser aceita dentro daquele contexto porque não faz parte dele, está deslocada.

Quando falamos de liberdade sexual ou práticas sexuais livres, temos que pensar nos padrões masculinos de sexualidade da cultura ocidental, já que este artigo discute os conceitos de masculinidade, femininidade e feminismo dentro da sociedade patriarcalista.

Segundo Louro (2000, p. 41), “a linguagem da sexualidade parece ser avassaladoramente masculina. A metáfora usada para descrever a sexualidade como uma força incansável parece ser derivada de suposições sobre a experiência sexual masculina”.

Partindo dessa premissa, faz-se necessário historicizarmos o primado da masculinidade, tendo como ponto de partida a história do homem viril que as



sociedades ocidentais patriarcais ajudaram a construir.

Desde as cavernas, sabemos que se atribui privilégio ao homem devido à sua força física. A ele caberia o mérito de providenciar alimento para a família, enquanto o demérito à fragilidade física da mulher relegava a ela as tarefas domésticas.

Millet (2000) aponta que, na condição primitiva, o que mais impressionava a humanidade era, supostamente, o milagre do nascimento atribuído ao poder feminino. No entanto, com o desenvolvimento da civilização e a descoberta da paternidade, isso pode ter se revertido em prol do masculino. Segundo a feminista, “There’s some evidence that fertility cults in ancient society at some point took a turn toward patriarchy, displacing and downgrading female function in procreation and attributing the power of life to the phallus alone”⁴ (MILLET, 2000, p. 28).

Ainda segundo a autora, essa hipótese seria consolidada pela religião patriarcal por meio da criação de um Deus ou deuses masculinos postulando a supremacia do macho e validando a estrutura patriarcalista. A mitologia também nos fornece dados que compactuam com essa visão masculinizante. Tanto no mito de Adão e Eva quanto no de Pandora, por exemplo, a versão de que é a mulher que comete um erro irreparável – Eva, ao comer o fruto proibido, nos condenou, e Pandora, ao abrir a caixa que continha todos os males da humanidade, fez com que os homens fossem afligidos por eles – mostra que ao homem é dado o privilégio de se abster das culpas, enquanto à mulher cabe punição.

Marcuse (1999, p. 70-71), interpretando o pensamento de Freud, pontua que “o primeiro grupo humano foi estabelecido e mantido pelo domínio de um indivíduo sobre os outros”, e esse indivíduo era o pai que, já no início do processo civilizatório, “estabelece a dominação em seu próprio interesse, mas, ao fazê-lo, está justificado pela sua idade, sua função biológica e (sobretudo) pelo êxito: ele criou aquela “ordem” sem a qual o grupo imediatamente se dissolveria”, e eis aí o “despotismo patriarcal da horda primordial”.

Diante disso, percebe-se que a “religião patriarcal” sustentou, ao longo dos séculos, essa dominação masculina. Pode-se dizer que a Idade Média tenha sido o marco das tomadas de posições masculinizantes que os séculos vindouros iriam ajudar a

⁴ Há alguma evidência de que os cultos de fertilidade na sociedade antiga, em algum momento, deu uma guinada na direção do patriarcalismo, deslocando e denegrindo a função feminina na procriação e atribuindo poder de vida apenas ao falo (tradução de minha autoria).

perpetuar. Sob a pressão da igreja e dos poderes públicos, as diferenças entre o masculino e o feminino se tornam cada vez mais nítidas, especialmente com a “valorização do casamento a partir dos meados do século XVI na França ou as mudanças significativas por volta de 1590 na Inglaterra” (MUCHEMBLED, 2007, p. 75). Importante ressaltar que, até o início do século XX, França e Inglaterra eram consideradas nações que ditavam padrões e modelos de vida para o mundo. Ao homem, mesmo depois de casado, é “concedido” privilégio. Ele pode continuar exercendo a sua virilidade com amantes, prostitutas e é, com isso, aclamado por seus pares. A esposa deve ficar reclusa no lar e cuidar dos filhos. Esse é o seu papel e, se ousar infringir as leis masculinizantes, é vista como pervertida, não mais digna de respeito perante a sociedade.

Portanto, como afirma Bourdieu (2010, p. 27 e 46), “o próprio ato sexual é pensado em função do princípio da masculinidade”. Dessa forma, ainda segundo o teórico, “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”.

Tomando os romances *Tropic of Cancer* (1961) e *Tropic of Capricorn* (1961)⁵, podemos pensar como essa questão da masculinidade hegemônica pode ser interpretada ao longo da tessitura narrativa de ambas.

No primeiro excerto, a seguir, de *Tropic of Cancer* (1961, p. 291), o narrador tem relação sexual com uma prostituta que acabara de ter uma relação com outro homem. Ele pergunta a ela se está cansada, mas depois pensa ser uma pergunta inútil, já que ela deve servi-lo e não pode estar cansada, muito menos responder à pergunta, já que sua situação é de “subordinada”:

I didn't know whether I wanted to or not, but when I saw Carl mushing it up with her again I decided I did want to. I asked her first if she was too tired. Useless question. A whore is never too tired to open her legs. Some of them can fall asleep while you diddle them.⁶

⁵ Os romances *Tropic of Cancer* e *Tropic of Capricorn*, utilizados para análise neste artigo, foram escritos originalmente em 1934 (*Cancer*) e 1939 (*Capricorn*). Trabalhamos, no entanto, com a edição de 1961, pela Grove Press. Trata-se de narrativas autobiográficas do escritor norte-americano Henry Miller, cujas temáticas centrais, em ambas, giram em torno das experiências sexuais do autor (narrador e personagem) com teor pornográfico, além de forte crítica social.

⁶ “Eu não sabia se queria ou não, mas quando vi Carl mexendo com ela de novo, decidi que queria. Perguntei-lhe primeiro se estava cansada. Pergunta inútil. Uma puta nunca está cansada demais para abrir as pernas. Algumas conseguem adormecer enquanto você fornicar” (*Trópico de Câncer*, 1974, p. 240).

No segundo excerto, de *Tropic of Capricorn* (1961), o narrador “transa” com uma mulher e usa palavras “chulas” que, aparentemente, com uma leitura descontextualizada, a denigrem:

Finally she was standing beside the couch. She didn't say a word either. She just stood there quietly and as I slid my hand up her legs **she moved one foot a little to open her crotch a bit more**. I don't think I ever put my hand in such a juicy crotch in all my life. [...] After a few moments, **just as naturally as a cow lowering its head to graze, she bent over and put it in her mouth** [...] Her mouth was stuffed full and the juice pouring down her legs. Not a word out of us, as I say. Just a couple of quiet maniacs working away in the dark like gravediggers. It was a fucking Paradise and I knew it, and I was ready and willing to fuck my brains away if necessary.⁷ (*Tropic of Capricorn*, 1961, p. 182, destaques nossos)

Considerando o contexto das narrativas, o período entreguerras, no qual mudanças significativas acontecem tanto nas artes quanto nos comportamentos devido às manifestações pró-liberdade de expressão em decorrência dos movimentos de vanguarda europeu (surrealismo, dadaísmo, dentre outros), não interpretamos que o narrador esteja humilhando as mulheres descritas. Ele simplesmente as trata de forma “natural”, entendendo essa naturalidade de acordo com sua visão masculinista hegemônica e, como pontuado por Bourdieu (2010), dentro de uma perspectiva de naturalização das relações de “dominador” e “dominado” como categorias socialmente construídas e aceitas. Ainda assim, percebe-se, pela descrição da cena em *Tropic of Capricorn* (1961), que o narrador comenta que é sua parceira quem tem a atitude de se colocar em determinadas posições para que o ato sexual aconteça. Ele menciona que **ela** “mexeu ligeiramente o pé para abrir um pouco mais seu rego” ou “**ela** se curvou e enfiou o negócio na boca” (destaques nossos). Portanto, não nos parece que a mulher tenha sido forçada a isso, e essa relação entre “dominador” e “dominado” enquanto sinônimos de “opressor” e “oprimido” pode ser questionada.

⁷ “Finalmente ela ficou em pé ao lado do sofá. Também não disse uma palavra. Só ficou ali em pé quieta e, quando fiz minha mão subir entre suas pernas, **mexeu ligeiramente o pé para abrir um pouco mais seu rego**. Acho que em toda minha vida nunca pus a mão em um rego tão suculento [...] Depois de alguns momentos, **tão naturalmente quanto uma vaca que abaixa a cabeça para pastar, ela se curvou e enfiou o negócio na boca** [...] sua boca estava estufada e o suco escorria por suas pernas. Nem uma palavra saiu de nós, como já disse. Apenas um par de maníacos quietos trabalhando no escuro como coveiros. Foi uma foda paradisíaca e eu sabia disso” (*Trópico de Capricórnio*, 1975, p. 166, 167, destaques nossos).

Dessa forma, Miller, enquanto personagem e narrador autobiográfico, encontra-se em processo de revisão e (re)construção de seu “eu” na medida em que procura desmistificar os tabus sexuais que a sociedade norte-americana sempre procurou perpetuar, agindo da forma que considera simples e natural, mas sempre disposto a rever suas atitudes e conceitos, como se percebe ao longo das narrativas.

Diante dessas considerações, não se pretende uma justificativa rasa para o comportamento do narrador, mas, sim, entender a masculinidade heterossexual hegemônica como um construto social que se encontra arraigada no “inconsciente coletivo” masculino em função da história do homem viril que as sociedades ocidentais ajudaram e ajudam a perpetuar e que faz com que esse homem leve tempo para entender os processos de mudança das várias formas de sexualidade que se manifestam mais abertamente a partir do período entre as duas guerras mundiais.

A legitimação da categoria de dominante recebe o nome de “heteronormatividade”, pois é a forma padrão de comportamento que a sociedade sustenta como normal. As outras práticas sexuais ainda são vistas como desviantes. Assim, Hockey, Meah e Robinson (2007, p. 23) consideram que a

heteronormativity, therefore, refers to how the normative status of heterosexuality is institutionalized and legitimated through institutions such as the family and through discourse, rendering other sexualities abnormal and deviant.⁸

Dessa forma, a trajetória das relações entre os sexos converge para a afirmação e aceitação de imposições de conduta a partir de um pressuposto heterossexual hegemônico patriarcal que tende, desde sempre, a demarcar seu espaço, especialmente quando há uma ameaça a esse poderio.

Desde tenra idade, meninos são motivados a agir como “homens”, em oposição a “coisas de meninas”. A diferenciação entre os sexos começa a tomar forma a partir de uma cultura masculina imposta já dentro do seio familiar. A mãe grávida de um menino quer que o seu quarto seja decorado de azul, porque o azul é socialmente considerado a cor masculina. Ao longo da infância, o menino recebe, o tempo todo, *inputs* que procuram reafirmar a sua condição de macho. A mãe, a família, os vizinhos dizem que

⁸ Heteronormatividade, entretanto, refere-se ao modo como o status normativo da heterossexualidade é institucionalizado e legitimado através de instituições como a família e por meio do discurso, tornando outras sexualidades anormais ou desviantes (tradução de minha autoria).

“[...] um homem não pede beijos [...] um homem não se olha no espelho [...] um homem não chora” (BEAUVOIR, 1980, p. 12) e assim por diante. Encorajam-no o tempo todo a ter orgulho de sua virilidade, que é socialmente valorizada. A despeito dessa diferenciação entre o menino e a menina, Beauvoir (1980, p. 13) complementa que

insuflam-lhe o orgulho da virilidade; essa noção abstrata reveste para ele um aspecto concreto: encarna-se no pênis; não é espontaneamente que sente orgulho de seu pequeno sexo indolente; sente-o através da atitude dos que o cercam. Mães e avós perpetuam a tradição que assimila o falo à ideia de macho.

Bourdieu (2010), compactuando com essa mesma perspectiva de Beauvoir, também pontua que existe uma tentativa social de eliminar no homem tudo o que possa restar nele de feminino: “E o trabalho de virilização (ou desfeminização) prossegue por ocasião desta introdução no mundo dos homens, do ponto de honra (*nif*) e das lutas simbólicas [...]” (BOURDIEU, 2010, p. 37).

Por outro lado, Person (2006) afirma que os garotos crescem dentro de normas culturais que são impostas para os homens – eles têm que ser fortes, competitivos, não aceitar a participação de garotas em seus grupos e desvalorizar, como também concordam Beauvoir (1980) e Bourdieu (2010), comportamentos julgados femininos.

Dessa forma, atenta-se para o fato de que o homem, ao longo da história, também sofre o peso de ser “homem”. Segundo Carrigan *et al* (1985), os opressores não são as mulheres, mas, sim, é o papel masculino que os oprime. As demandas do “ser homem” geram um peso em seu *self*. No entanto, como forma de sustentar essa primazia heterossexual masculina, a sociedade continua incentivando-a em detrimento do feminino e outras formas de masculinidades (homossexuais masculinos e femininos).⁹ Nesse sentido, surge o que Connell e Messerschmidt (2005) chamam de “masculinidade hegemônica”. Segundo os sociólogos, o termo *hegemonia*, entendido como uma dinâmica cultural na qual um grupo sustenta uma posição de liderança na vida social, passou a ser usado a partir do conceito de homofobia, originado na década de 1970 por meio de um estereótipo criado por *straight men*. Esses homens violentavam e discriminavam os homossexuais, os quais, por sua vez, motivados pelas revoluções

⁹ Cf. RUBIN, 1993; JOHN, 1980.

feministas da década de 1960, iniciavam suas lutas em prol do reconhecimento e respeito à sua sexualidade.

Segundo Dellinger (2004, p. 547),

The concept of hegemonic masculinity allows us to move the notion that all men oppress all women to the more complicated notion that there is an ongoing struggle to define hegemonic masculinity in opposition to femininities and other marginalized or subordinated masculinities [...].¹⁰

Há, portanto, segundo a autora, outras formas de se pensar a questão da hegemonia masculina sem nos limitarmos apenas à questão da opressão feminina, como apontado pela maioria das feministas.

Nesse sentido, a masculinidade hegemônica estabelece uma relação de “privilégio potencial” de um “consenso vivido” (ALMEIDA, 1996), e é dentro de um discurso de poder que ela se perpetua, corroborando para elevar o homem heterossexual à categoria de dominância sobre “o sexo frágil”, ou ao que chamam de “sexualidades periféricas”.

Então a cultura dominante, sob a perspectiva androcêntrica, reafirma esse primado séculos afora até nossos dias. Mesmo alternando períodos mais ou menos repressores e com as grandes conquistas femininas em todos os setores da vida pública e privada, a dominação masculina continua se perpetuando, embora mais enfraquecida nos dias de hoje por uma masculinidade, mais uma vez, em crise.

Segundo Nye (2005, p. 1940),

Historically, hegemonic forms of masculinity have undergone crises, requiring restabilization and, more recently, supported the idea that masculinity is in perpetual crisis, permanently engaged in patching up traditional ideals, inventing new ones, and reconsolidating masculine advantage.¹¹

No contexto de Miller, o já citado período entreguerras, essa crise já se iniciava

¹⁰ O conceito de masculinidade hegemônica permite-nos passar da noção de que todos os homens oprimem todas as mulheres para a noção mais complicada de que há uma constante luta para definir a masculinidade hegemônica em oposição às femininidades e outras masculinidades marginalizadas ou periféricas (tradução de minha autoria).

¹¹ Historicamente, as formas hegemônicas de masculinidades têm passado por crises, necessitando se reestabilizar e, mais recentemente, elas têm sustentado a ideia de que a masculinidade está em perpétua crise, permanentemente empenhada em resgatar ideais tradicionais, inventar novos e reconsolidar vantagem masculina (tradução de minha autoria).

com as manifestações das novas masculinidades (os homossexuais masculinos, femininos e os transgêneros) e a emancipação de mulheres ousadas, à frente de seu tempo, como a própria Simone de Beauvoir, Rosa de Luxemburgo, Coco Chanel, Josephine Baker, dentre outras.¹²

Miller, pertencendo a esse quadro de mudanças, ao mesmo tempo em que procura reafirmar sua masculinidade em relações sexuais, não deixa de proporcionar liberdade às suas parceiras, dando voz a algumas delas, que chegam a discutir sobre sexo com ele. O narrador ainda reflete sobre a manifestação homossexual que está acontecendo no período, tentando entender esse movimento de forma a não gerar preconceito. Por vezes, fala também de amor e se rende aos poderes de algumas das personagens femininas fortes que descreve e admira, trazendo à tona a asserção de que o processo de construção identitária é passível de redefinições e reavaliações constantes, sem a obrigação de se chegar a algo definitivo, já que não se trata de uma fixidez do “eu”.

A exemplo, tomemos o seguinte trecho de *Tropic of Cancer* (1961), no qual o narrador relembra o amor de sua vida, Mona, com pesar, ao saber que ela se encontra doente:

Passing under the viaduct along the Rue Broca, one night after I had been informed that Mona was ill and starving, I suddenly recalled that it was here in the squalor and gloom of this sunken street, terrorized perhaps by a premonition of the future, that Mona clung to me and with a quivering voice begged me to promise that I would never leave her, never, no matter what happened [...] And now it is I, standing in the shadow of the viaduct, who reach out for her, who cling to her desperately and there is that same inexplicable smile on my lips, the mask that I have clamped down over my grief. I can stand here and smile vacantly, and no matter how fervid my prayers, no matter how desperate my longing, there is an ocean between us.¹³ (*Tropic of Cancer*, 1961, p. 184)

Neste outro trecho, de *Tropic of Capricorn* (1961), o narrador descreve a atitude

¹² Cf. OLIVEIRA, s.d.; DUARTE, s.d.; ROSE, 1990.

¹³ Caminhando sob o viaduto ao longo da Rue Broca, uma noite depois de ter sido informado de que Mona estava doente e passando fome, recordei de repente que fora ali na sordidez e tristeza dessa rua afundada, aterrorizada talvez por uma premonição do futuro, que Mona se agarrava a mim e com voz trêmula me implorava que promettesse jamais abandoná-la, jamais, acontecesse o que acontecesse [...] E agora sou eu, em pé na sombra do viaduto, que me estendo em direção a ela, que me agarro a ela desesperadamente, e há em meus lábios aquele mesmo sorriso inexplicável, a máscara que abaixei da minha dor. Posso ficar aqui a sorrir vaziamente, e por mais fervorosas que sejam minhas preces, por mais desesperadora que seja minha saudade, há um oceano entre nós (*Trópico de Câncer*, 1974, p. 153, 154).

de uma mulher forte, que sabe o que quer e, observando sua descrição, percebe-se que ele a admira por isso:

Francie was a good sort, I must say [...] She was one of those girls who are born to fuck. She had no aims, no great desires, showed no jealousy, held no grievances, was constantly cheerful and not at all unintelligent. At nights when we were sitting on the porch in the dark talking to the guests she would come over and sit on my lap with nothing on underneath her dress and I would slip it into her as she laughed and talked to the others. I think she would have brazened it out before the Pope if she had been given a chance.¹⁴ (*Tropic of Capricorn*, 1961, p. 261).

Dessa forma, as narrativas em questão deixam resvalar esse confronto identitário que o narrador autobiográfico trava consigo mesmo, justificando a sua masculinidade em crise, em processo de revisão. Portanto, não se pode atribuir o caráter de misógino ao autor, como apontado por feministas de várias épocas, já que suas atitudes com relação à mulher são variáveis ao longo dos romances, demonstrando um processo de revisão de um “eu” que tenta entender toda uma mudança própria do período no qual o autor, também narrador autobiográfico, se encontra.

Avaliação dos papéis masculinos e femininos a partir do século XVII

A crise da masculinidade hegemônica se deve, em grande parte, às conquistas femininas por um espaço de igualdade e respeito que sempre pertencera aos homens. A luta das mulheres tem sido uma história de avanços e recuos, esses últimos devido às constantes investidas, no sentido contrário, da sociedade patriarcal, a fim de perpetuar o seu domínio.

Para Badinter (1993), essa crise data dos séculos XVII e XVIII, na França e na Inglaterra, a partir de um movimento feminino intitulado “preciosismo”, que se iniciou em território francês. Essas mulheres reivindicavam mais liberdade e mais igualdade com os homens. As inglesas foram além: reivindicavam igualdade sexual ou o direito ao

¹⁴ Francie era uma boa moça, devo dizer [...]. Era uma dessas garotas que nasceram para foder. Não tinha objetivos, nem grandes desejos, não demonstrava ciúme, não guardava rancores, estava sempre alegre e não deixava de ser inteligente. À noite, quando estávamos sentados no terraço no escuro conversando com os hóspedes, ela vinha sentar-se em meu colo sem nada por baixo do vestido e eu lhe enfiava o pau enquanto ela ria e falava com os outros. Acho que ela faria essas coisas sem constrangimento até diante do papa, se tivesse oportunidade (*Trópico de Capricórnio*, 1975, p. 237)

orgasmo.

Nos séculos XIX e XX, ainda de acordo com a autora, há uma segunda crise. Smiller, Kay e Harris (2008) afirmam que o período vitoriano (século XIX) reforçou a diferença entre homem e mulher, relegando a ela inferioridade. Isso, de certa forma, continuou tendo os seus apelos ao longo do século XX, embora com maior intensidade no início:

Victorian ideals shaped the construction of masculinity and femininity at the beginning of the 20th century and included the belief that men and women had separate and opposing spheres. Non-masculine actions were feminine and thus reason (male) and emotion (female) were opposites. Further, men were superior to women [...].¹⁵ (SMILLER; KAY; HARRIS, 2008, p. 268)

No entanto, mesmo com essa tentativa vitoriana de reforçar a masculinidade, os homens começam a temer a nova mulher que surge no contexto da segunda revolução industrial (a partir da segunda metade do século XIX), que se torna profissional e que tem acesso à universidade. Para Badinter (1993), medo sem fundamento, já que as mulheres não abandonam as famílias e nem os lares em função de suas novas conquistas, mas, mesmo assim, eles se angustiam, especialmente por considerarem a possibilidade de dividir as tarefas domésticas.

Badinter (1993) acrescenta que, nos Estados Unidos, a crise é ainda maior. Os homens norte-americanos têm que lidar com a ameaça da “europeização da mulher americana, sinônimo de efeminação da cultura e, portanto, do homem americano” (BADINTER, 1993, p. 19-20).

Nesse sentido, a historiadora francesa afirma que

a crise da masculinidade eclodiu abertamente quando as mulheres norte-americanas, assim como as da Europa, pretenderam preencher outros papéis além da função de mãe e dona-de-casa. Mais ruidosamente do que na Europa, elas declararam-se cansadas dessas tarefas e se rebelaram contra as convenções. (BADINTER, 1993, p. 20)

Vemos que a identidade masculina é abalável, frágil. Isso não acontece com as

¹⁵ Os ideais vitorianos moldaram a construção da masculinidade e da femininidade no início do século XX e incluíam a crença de que os homens e as mulheres permaneciam em esferas opostas e separadas. Ações não masculinas seriam femininas e, assim, a razão (macho) e a emoção (fêmea) eram opostas. Além disso, os homens eram superiores às mulheres [...] (tradução de minha autoria).

mulheres. O homem sempre tem que provar que é homem ao longo de sua vida.

Há uma passagem em *Tropic of Capricorn* (1961) em que o narrador critica a efeminização do homem ao relembrar um episódio da infância, mas, com a consciência atual de que o pensamento discriminatório é uma vergonha, explicando que ninguém sabia bem, na época, o que era um “veado”, mas, fosse o que fosse, eles eram “contra isso”:

The boy was older than any of us and he was a sissy, a fairy in the making. He is very walk used to enrage us. As soon as he was spotted the news went out in every direction and before he had reached the corner he was surrounded by a gang of boys all much smaller than himself who taunted him and mimicked him until he burst into tears. Then we would pounce on him, like a Pack of wolves, pull him to the ground and tear the clothes off his back. It was a disgraceful performance but it made us feel good. Nobody knew yet what a fairy was, but whatever it was we were against it.¹⁶ (*Tropic of Capricorn*, 1961, p. 135)

Percebe-se que os meninos heterossexuais praticaram *bullying* com o outro garoto apenas como reafirmação de sua masculinidade diante dos pares, já que nenhum deles entendia essas manifestações das novas masculinidades. No entanto, hoje, no momento em que o narrador relembra o fato, sente-se envergonhado. Como prova de um repensar de suas atitudes, de sua conduta ao longo da vida, no excerto a seguir, de *Tropic of Cancer* (1961), o narrador, adulto, já age com naturalidade ao mencionar um ajuntamento homossexual: “Collins swiftly steered us to a joint which was packed with drunken sailors on shore leave and there we sat awhile enjoying the homosexual rout that was in full swing”.¹⁷ (*Tropic of Cancer*, 1961, p. 204).

Badinter (1993), assim como Beauvoir, retoma a infância masculina e explica que a masculinidade é construída nos primeiros anos de vida, quando o menino precisa se libertar da simbiose que nutria com a mãe – separação necessária para a construção de sua masculinidade. Ele tem que se separar drasticamente dela, ao contrário da

¹⁶ O menino era mais velho que todos nós e era um maricas, um veado em formação. Seu próprio modo de andar enraivecia-nos. Logo que era avistado, a notícia corria em todas as direções e antes que chegasse à esquina era cercado por um bando de meninos muito menores, que o insultavam e o arremedavam até ele romper em lágrimas. Então caímos sobre ele, como uma alcateia de lobos, derrubávamo-lo no chão e rasgávamos suas roupas nas costas. Era uma ação vergonhosa mas fazia com que nos sentíssemos bem. Ninguém sabia o que era um veado, mas fosse o que fosse nós éramos contra isso. (*Trópico de Capricórnio*, 1975, p. 124)

¹⁷ “Collins levou-nos rapidamente para um lugar turbulento, cheio de marinheiros bêbados de licença em terra, e lá nos sentamos durante algum tempo, apreciando o ajuntamento homossexual em pleno andamento.” (*Trópico de Câncer*, 1974, p. 169)

menina. Portanto, infere-se que a violência masculina contra a mulher e contra o homossexual vem de um vazio sentido pelo homem bipartido. Impossibilitado desde o nascimento de um contato mais afetivo com a mãe e privado da afetividade que requer contato físico com o pai, o homem se vê sem saída: precisa reafirmar sua masculinidade por meio da “negação”: ele tem que ser “não mulher”, “não afeminado”, “não dócil”. Ao fazer isso, perde o sentido de identidade, porque o seu lado frágil, sensível, deve ser mutilado em detrimento de uma afirmação da virilidade que envolve um longo trabalho de afirmação da força física, da intelectualidade e de sentimentos controlados (não pode demonstrar o que sente).

Essas questões levantadas podem justificar um tema de importante discussão em Miller: a violência. A pesquisadora Masuga (2011) trata de uma violência, na obra do escritor, referente à linguagem. De qualquer forma, essa violência se refere à ousadia da experimentação do autor-narrador com a linguagem devido à sua paixão pela escrita, utilizando vocábulos coloquiais fortes e marcantes; é uma violência contra as regras academicistas. Por outro lado, há um tom irônico e humorístico que perpassa as duas narrativas. O fato de o narrador e seus personagens masculinos usarem um léxico às vezes agressivo quando tratam as mulheres ou quando falam delas pode implicar ironia ou, ainda, tom de humor cujo objetivo maior se relaciona à afronta social como um todo e às próprias mulheres, devido ao poder que elas exercem sobre os homens, por meio da sedução. No entanto, o narrador-personagem não pode admitir isso abertamente em função de sua tradição patriarcal, apenas para “não dar o braço a torcer”. Por esses motivos e outros já citados, mais uma vez, não seria pertinente taxarmos o protagonista de misógino.

Por outro lado, existem ainda a violência física e moral em Miller. Física, considerando duas situações: a primeira diz respeito ao teor pornográfico, carnal e, portanto, “violento” nas relações sexuais apresentadas pelo narrador; e a segunda se refere a duas cenas, uma em *Tropic of Cancer* (1961) e outra em *Tropic of Capricorn* (1961), nas quais a agressão física contra a mulher é apresentada, mas são duas cenas isoladas dentro de todo o contexto de ambas as narrativas, o que também, acreditamos, não configura misoginia. Dessa forma, consideramos as hipóteses tratadas acima sobre o recalque masculino quanto ao poder feminino e as questões da ironia e do humor do narrador-personagem.

Por fim, a violência moral, que está ligada ao uso de palavras de baixo calão pelos personagens masculinos quando estão dialogando a respeito das mulheres – eles parecem denegri-las, como já apontado; no entanto, nossa leitura se justifica pelos mesmos motivos acima citados. Essa perspectiva interpretativa de não misoginia se dá pelas várias contradições apresentadas no discurso do narrador, que, a nosso ver, estão mais para a ironia, o humor, a experimentação com a linguagem, à afronta social, ao medo da mulher emancipada do que para uma simples interpretação de opressão feminina.

Lembremos que o período no qual Miller vive e escreve é um período de novas conquistas femininas, e o narrador lida, no geral, com mulheres sexualmente experientes, sendo elas prostitutas ou não. As prostitutas são relatadas em *Tropic of Cancer* (1961), já que a França vivia o auge dos bordéis franceses. De qualquer maneira, todas são mulheres conscientes de sua sexualidade e agem por vontade própria, embora ainda socialmente condenadas. No trecho que se segue, de *Tropic of Capricorn* (1961), a mulher discute com o narrador o fato de poder usar de sua sexualidade apenas para o prazer. Nesse caso, o discurso direto mostra a própria voz da mulher reivindicando igualdade de direito com os homens no quesito sexual:

“But you like me don’t you?” she’d answer. “Men like to fuck and so do women. It doesn’t harm anybody and it doesn’t mean you have to love everybody you fuck, does it? I wouldn’t want to be in love; it must be terrible to have to fuck the same man all the time, don’t you think?”¹⁸ (*Tropic of Capricorn*, 1961, p. 262)

Por outro lado, o narrador também tem as mulheres como amigas e se solidariza com elas, em determinadas situações, como nos exemplos a seguir:

By the time we get to the Debussy number the atmosphere is completely poisoned. I find myself wondering what it feels like, during intercourse, to be a woman – whether the pleasure is keener, etc.¹⁹ (*Tropic of Cancer*, 1961, p. 76)

¹⁸ “Mas você gosta de mim, não gosta?”, era sua resposta. ‘Os homens gostam de foder e as mulheres também. Não faz mal para ninguém e a gente não precisa amar toda pessoa com quem fode, não acha? Eu não gostaria de estar amando. Deve ser horrível ter de foder com o mesmo homem o tempo todo, não acha?’” (*Trópico de Capricórnio*, 1975, p. 237- 238)

¹⁹ “Quando chegamos ao número de Debussy, a atmosfera está completamente envenenada. Surpreendo-me imaginando como a gente se sentiria, durante a cópula, sendo mulher – se o prazer é mais agudo etc.”. (*Trópico de Câncer*, 1974, p. 68)

During the course of the evening we got a bit tight. Valeska's tongue was wagging. On the way home she told me that she was going to put up a fight; she wanted to know if it would endanger my job. I told her quietly that if she were fired I would quit too. She pretended not to believe it at first. I said I meant it, that I didn't care what happened. She seemed to be unduly impressed; she took me by the two hands and she held them very gently, the tears rolling down her cheeks.²⁰ (*Tropic of Capricorn*, 1961, p. 58)

Todos os fatos apresentados quanto à postura do narrador apontam para um sujeito contraditório, mas é na contradição que o protagonista procura rever sua identidade a todo o instante, não desfavorecendo suas qualidades, nem descartando suas fraquezas, mas expondo seus erros, acertos e suas confusões. É dessa forma que ele se (re)constrói.

Além disso, os homens, apesar das vantagens que possuem pela simples razão de terem nascido homens, por outro lado, se tornam presas dos modelos de masculinidade criados pelas sociedades ocidentais. Esses modelos, no fundo, os oprimem porque precisam se parecer com eles a fim de serem exaltados pelos seus pares. No entanto, a sua afetividade fica comprometida e eles têm dificuldade em estabelecer laços mais duradouros com o sexo oposto; como não conseguem facilmente lidar com isso, justificam suas frustrações e solidão aliciando para seu currículo o maior número de parceiras sexuais possível. Nas palavras de Badinter (1993, p. 134-135),

Todos os homens, em determinada época, sonharam ser assim: uma besta sexual com as mulheres, mas que não se liga a nenhuma delas; um ser que só encontra seus congêneres masculinos na competição, na guerra ou no esporte. Em suma, o mais duro dos duros, “um mutilado do afeto”, feito mais para morrer do que para se casar e ninar bebês. A maioria das culturas aderiu a esse ideal masculino e criou seus próprios modelos, mas foi a América, sem rival cultural, que impôs a todo o universo suas imagens de virilidade: do caubói ao Exterminador, passando por Rambo, encarnados por atores *cult* (John Wayne, Sylvester Stallone, Arnold Schwarzenegger), esses heróis do cinema serviram de exutório e ainda povoam as fantasias de milhões de homens.

Assim como Badinter (1993), o psicanalista Goldberg, em uma renomada obra

²⁰ “No decorrer da noite, ficamos um pouco de fogo. Valeska estava falando demais. A caminho de casa disse-me que ia armar uma briga. Perguntou-me se isso ameaçaria meu emprego. Disse-lhe que se a despedissem eu sairia também. A princípio fingiu não acreditar. Eu afirmei que falava sério, que não me importava o que acontecesse. Ela pareceu ficar excessivamente impressionada. Tomou-me as duas mãos e segurou-as delicadamente, com lágrimas rolando pelo rosto”. (*Trópico de Capricórnio*, 1975, p. 55)

de 1976, surgida a partir de observações em seu consultório, comenta sobre essa fragilidade afetiva do homem, que nada mais é do que uma tentativa de se proteger por medo de revelar sua vulnerabilidade:

The male is said to be emotionally shallow and unable to maintain a deeply intimate relationship with a woman. Clinical experience, however, suggests that this “shallowness” is simply a self-protective device used by the male to avoid revealing his vulnerability.²¹ (GOLDBERG, 1976, p. 12)

Nos Trópicos, muito embora Miller apresente, por meio de seu personagem-protagonista, esse viés reforçado de masculinidade, de poder viril, percebe-se, no fundo, sua fragilidade e inconsistência com relação a essa imagem de homem duro, que quer apenas viver o momento intensamente e não se prender a ninguém, pois o narrador trata, em algumas passagens, do amor, expressando uma vontade subjacente de amar e ser amado, sempre que menciona uma mulher que fora o grande amor de sua vida – Mona, em *Tropic of Cancer* (1961) – já citada anteriormente – e Mara, em *Tropic of Capricorn* (1961), que seria a protagonista da vida real do autor – June –, mulher que ele sempre amou, segundo seu biógrafo Robert Ferguson. Observemos os excertos em que o narrador menciona ambas:

When I realize that she is gone, perhaps gone forever, a great void opens up and I feel that I AM falling, falling, falling into deep, Black space.²² [**refere-se a Mona**] (*Tropic of Cancer*, 1961, p. 178)
In the tomb which is my memory I see her buried now, the one I loved better than all else, better than the world, better than God, better than flesh and blood.²³ (*Tropic of Capricorn*, 1961, p. 231. Destaques nossos.)

Assim, fica claro que o autor-narrador-protagonista procura, por meio de suas críticas sociais, seu tom irônico e seu humor inteligente, entender essas transformações pelas quais o mundo passa naquele momento, bem como entender a si mesmo, em um constante vai e vem de posicionamentos que assume ao longo das duas narrativas. Ao

²¹ Diz-se que o macho é emocionalmente superficial e incapaz de manter uma relação profunda com uma mulher. Experiência clínica, entretanto, sugere que essa “superficialidade” é simplesmente um instrumento de autoproteção usado pelo macho para evitar que se revele sua vulnerabilidade (tradução de minha autoria).

²² “Quando percebo que ela partiu, talvez para sempre, um grande vazio se abre e sinto que estou caindo, caindo, caindo no espaço profundo e negro”. [**refere-se a Mona**] (*Trópico de Câncer*, 1974, p. 149)

²³ “No túmulo que é minha memória vejo-a agora enterrada, aquela que amei mais do que tudo, mais do que o mundo, mais do que Deus, mais do que minha própria carne e sangue.” (*Trópico de Capricórnio*, 1975, p. 210)

mesmo tempo em que usufrui de todos os prazeres carnavais como heterossexual pertencente a uma categoria dominante e, portanto, com certo medo de, talvez, perder esse poderio, o narrador-personagem também mostra seu lado frágil, gentil, afetivo, que erra e que tenta entender as contradições da alma e do comportamento humano.

Considerações finais

Vimos então que, já há alguns séculos, as mulheres estão lutando pela disputa dos privilégios que antes pertenciam apenas aos homens, embora se saiba que essa é uma luta árdua e difícil. O século XX representa grandes avanços e no período entreguerras; em mais uma tentativa masculina de afirmar sua posição de superioridade, surge o que Smiller, Kay e Harris (2008) chamam de *self-made man* – um novo tipo de homem. Esse homem passa a construir um *self* mais baseado na inteligência do que na força física:

These self-made men, however, were threatened by women's gains and the erosion of the separate spheres doctrine. Self-made men proved their manliness by business success (vs. physical prowess), by college and organizational affiliation (vs. union or lodge membership), and by indulging in illegal pastimes (eg. Alcohol consumption). They attempted to establish their masculinity in reaction to their polar opposites – women.²⁴ (SMILER, KAY e HARRIS, 2008, p. 268)

Percebe-se com isso uma abertura a novos valores, dentro dos quais o homem, temendo que sua masculinidade seja rebaixada em detrimento de uma possível ascensão feminina, luta para que outros ideais masculinos, que não apenas de força física, sejam fortalecidos mesmo que para isso tenha que reinventar-se, assumindo novas posturas diante desse novo quadro de mudanças que vem acontecendo desde o século XX e ainda se faz presente na contemporaneidade.

²⁴ Estes homens bem-sucedidos, entretanto, foram ameaçados pelos ganhos das mulheres e pela erosão da doutrina de esferas separadas. Os homens bem-sucedidos provaram sua condição de macho por meio do sucesso nos negócios (vs. força física), por meio de afiliações organizacionais e em universidades (vs. membro de um corpo político ou organizações fraternais) e permitindo-se participar de passatempos ilegais (ex. consumo de álcool). Eles tentaram estabelecer sua masculinidade em reação aos seus polos opostos – as mulheres (tradução de minha autoria).

Referências documentais e bibliográficas

ALMEIDA, Miguel Vale de. Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, p. 161-190, 1996.



Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, N°. 17, p. 87-106, jul./dez. 2014.
<http://revista.anphlac.org.br>

BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Tradução de Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 7.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRIGAN, Tim; CONNELL, Bob; LEE, John. *Toward a New Sociology of Masculinity*. Theory and Society, Australia, p. 551-604, 1985.

CONNELL, Bob; MESSERSCHMIDT, James W. Hegemonic Masculinity: Rethinking the Concept. 6, December 2005. Disponível em: <<http://apa.sagepub.com>>. Acesso em: 18 jun. 2010.

DELLINGER, Kirsten. Masculinities in “safe” and “embattled” organizations: accounting for pornographic and feminist magazines. *Gender and Society*, Mississippi, v. 18, n. 5, p. 545-566, 2004.

DUARTE, André. Pensar e agir por amor ao mundo. *Revista Educação*, São Paulo, n. 4, p. 6-15, s.d.

GOLDBERG, Herb. *The Hazards of Being Male: Surviving the Mith of Masculine Privilege*. New York: Stanford Associations, 1976.

HOCKEY, Jenny; MEAH, Angela; ROBINSON, Victoria. *Mundane Heterosexualities*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

HUXLEY, Aldous. *Admirável mundo novo*. Tradução de Felisberto Albuquerque. Rio de Janeiro: Dinal, 1969.

JOHN, D’Emilio. Capitalism and Gay Identity. In: ABELOVE, H.; BARALE, M.; HALERIN, D. (Orgs). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Londres: Routledge, 1980.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do Pensamento de Freud*. 8.ed. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 1999.

MASUGA, Katy. Henry Miller and The Book of Life. *Texas Studies in Literature and Language*, Seattle, v. 52, n. 2, 2010.

MILLER, Henry. *Tropic of Cancer*. New York: Grove Press, 1961.



- _____. *Tropic of Capricorn*. New York: Grove Press, 1961.
- _____. *Trópico de Câncer*. Tradução de Aydano Arruda. São Paulo: Ibrasa, 1974.
- _____. *Trópico de Capricórnio*. Tradução de Aydano Arruda. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- MILLET, Kate. *Sexual Politics*. Urbana: University of Illinois Press, 2000.
- MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o Ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- NICHOLSON, Linda. Interpreting Gender. In: *Social Postmodernism: Beyond Identity Politics*. New York: Cambridge University Press, 1995.
- NYE, Robert. Locating Masculinity: some recent work on men. *Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, v. 30, n. 31, p. 1937-1962, 2005.
- OLIVEIRA, Rúbia Lúcia. Amor e liberdade. *Discutindo Filosofia*, São Paulo, ano 1, n. 2, p. 31-32, s.d.
- PERSON, Ethel Spector. Masculinities, Plural. March 20, 2006. Disponível em: <<http://apa.sagepub.com>>. Acesso em: 18 jun. 2010.
- REICH, Wilhelm. *Irrupção da moral sexual repressiva*. Tradução de Silvia Montarroyos e J. Silva Dias. São Paulo: Martins Fontes, s/d.
- ROSE, Phyllis. *A Cleópatra do jazz: Josephine Baker e seu tempo*. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
- RUBIN, Gale. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade (tradução em português e de circulação restrita). In: ABELOVE, H.; BARALE, M.; HALERIN, D. (Org). *The Lesbian and Gay Studies Reader*. Londres: Routledge, 1993.
- SMILLER, Andrew, P.; KAY Gwen, G.; HARRIS, Benjamin. Tightening and Loosening Masculinity's (k)Nots: Masculinity in the Hearst Press during the Interwar Period. *The Journal of Men's Studies*, v. 16, n. 3, p. 266-279, 2008.
- STETS, Jan E.; BURKE, Peter J. Femininity/Masculinity. *Encyclopedia of Sociology*, New York, p. 997-1005, s/d.